

Palacio acastellado da Pena em Cintra. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

Só á magnanimidade d'um rei artista podia Portugal dever o mais admiravel dos seus monumentos modernos.

Converter o pequeno, inhospito conventinho Jeronymo, que campeava no pincaro da serra, n'um monumento d'arte, n'uma eschola de architectura, n'um regio alcaçar, que faz a admiração de nacionaes e estrangeiros, só o podia a regia vontade e a alma inspirada de Sua Magestade El-rei D. Fernando.

Aquelles rochedos, e aquellas obras magestosas, que alli estaes vendo a dominar todos os horisontes, tem uma historia, composta de gloriosas recordações para Portugal, e para todo o mundo. Se por motivos particulares nos não é dado offerecel-a já hoje aos leitores, confiem que procuraremos desempenhar-nos d'essa obrigação no proximo numero.

POLICIA D'UM FATO DE CABRAS.

Se o não vissemos, não o criamos.

Em 1850 fomos convidados, na ilha de S. Miguel, principal das dos Açores, para um digressão campestre, em que queriam surprehender-nos com um admiravel espectaculo nas montanhas.

Era uma bella madrugada d'agosto a em que nos pozemos em marcha, e caminhámos para os montes. Ás oito horas do dia estavamos na serra Devassa, assim dita, por ser logradouro commum do concelho de Ponta-delgada. Na baixa avistámos a lagoa do Carvão. Descemos para ella, e atravessámol-a pela esquerda, onde tem pouca profundidade. N'um fundo de cascalho preto, é cercada de montanhas em que elle quasi exclusivamente predomina. Além da lagoa passa um lanço do encanamento da agua da cidade, com a corrente dos Canarios, que vae juntar-se mais abaixo á confluente da Agua nova.

Seguindo até á origem do encanamento, queriamos aproveitar a occasião de ver a parte mais importante do aqueducto, perto do qual nos devia estar esperando um pastor do amigo com quem iamos, para depois subirmos ás lagoas.

Chegámos com effeito ao sitio, e vimos o que no paiz é chamado Muro-das-nove-janellas, muralha bem construida, parte principal d'aquelle aqueducto lançada sobre o leito d'uma ravina profunda. Um grande arco lhe serve de base, e dá passagem ás torrentes: sobre elle quatro grandes janellas, e em andar superior cinco, de eguaes dimensões, nos intervallos das primeiras, cortam o macisso da elevada muralha, e completam o numero de nove, que á obra dá

nome, facilitando de uma para outra parte o curso dos ventos, sem prejuizo da construcção.

Por cima do muro vae o encanamento, de pedra, todo coberto, mas com vigias amiudadas. A praça é pouco larga e sem parapeitos de resguardo; mas nem por isso deixam de passar sobre ella, e atravessar d'um para outro lado das montanhas confinantes. Nós a transpozemos debaixo de brava ventania da serra, quando mil promontorios de nevoas se debatiam, descendo impetuosamente sobre os valles. Foi muito ousar; porém não conhecemos o perigo senão depois de passar.

Avistámos emfim o pastor, que correu para nós. Acompanhava-o um rapazinho, que não teria mais de dez annos, e arrimado a um varapáo, saltando d'uma a outra margem da gruta, andava como raio! Era o cabrito montez, retouçando-se á borda do precipicio.

Tivemos de subir outra vez a serra, quasi de gatas, por cima de leivas e feno gotejando os chuveiros da madrugada, para irmos almoçar sobre a lagoa dos Canarios.

No fim d'esta penivel digressão nos dizia o pastor:

— A lagoa está alli....

Mas qual lagoa! No estado vaporoso e escuro, em que ainda estava a atmosphera, não havia distinguil-a. Nada vimos em tôrno. Só mais tarde e pouco e pouco se nos alargou o horisonte; aclararam ceos; e á roda de nós foram brotando novos elementos; uma natureza nova, ainda hybrida, mas sempre grande.

Crescem ceos e montanhas; vão-se nuvens e escuridão! Uma restia de sol resplandecente vem dizer ao quadro que surja, e o quadro se desentranha das trevas.

O phantastico nevoeiro que cobria toda a lagoa começou a fazer seu caminho, desprendendo-se lentamente do abysmo para subir ás alturas, como em mar tranquillo nuvem de fumo expellida pelas boccas de cem canhões prosegue á tona d'agua, até que a dissipem os ventos.

Brilhante espectaculo! Um cantinho da lagoa appareceu, depois outro, e outro.... e ella toda, engastada no fundo de valle circular, fechada por uma cadeia de montanhas elevadas. Não se via por alli vegetação consideravel: a urze, o tamuge rasteiro, e nada mais.

Acabavamos de almoçar, já allumiados por um esplendido sol, quando, ao signal do pastor, dois cães de gado despediram em velocissima carreira. Passado algum tempo, depois de os termos visto desapparecer pelos desvios da serra, sentimos ao longe um tinir confuso de chocalhos, que de momento para momento se aproximava de nós e fazia mais distincto. De repente surgiram de todos os lados tropeis de gado caprino, que vieram reunir-se e estanciar n'um pequeno valle que ficava a nossos pés. Não eram menos de mil e duzentas cabeças. Foi depois de as vermos alli reunidas, que começou para mim o mais estranho e admiravel espectaculo. O fim era classificar o fato, marcar as crias, reconhecer as faltas, separar as cabeças para o açougue, e como que ajustar as contas do rebanho.

Querem saber como tudo isto se fez, sem o pastor arredar pé da eminencia em que estavamos, e sem outra ajuda mais que os seus cães?

Vêl-o-hão agora.

Como um generalissimo a commandar exercitos, o pastor, encostado negligentemente ao seu cajado, dirigiu toda a acção quasi com monosyllabos. Levando á bocca as pontas de dois dedos, e produzindo um prolongado assobio, chamou a attenção e impoz silencio a todas aquellas columnas. Os cães acercaram-se d'elle. De improviso, acompanhando a voz com um movimento de braço, como quem varria o fundo do valle, gritou para o rebanho attento:

— Bodes, fóra!

Os cães precipitaram-se no valle. No rebanho começou uma confusão horrivel, pulos, e saltos, e marchas, e contra-marchas, e estrugir de chocalhos, até que para uma altura, que nos ficava fronteira, vimos subir todos os capros, que formaram magestosamente, permanecendo isolados e quietos, com as frontes voltadas para nós!

No grosso do rebanho tinha-se restabelecido o socego, quando outra voz do pastor o poz em novo movimento.

— Fóra, alfeira!

E dizendo e acenando, as alfeiras fizeram como os bodes, não sem os cães correrem todas as linhas, expulsando e mordendo as mais retardatarias, que subiram e formaram com a mesma ordem n'uma pequena elevação, que nos ficava á esquerda.

A terceira voz foi:

— Crias, fóra!

E os cabritos, saltando e tropeçando, separaram-se das mães, para um campo á direita, ficando o centro do valle apenas occupado pelas cabras criadoras.

Não ficou ainda aqui esta admiravel prova do ensino, paciencia, e obediencia animal. O espectaculo já era de si muito para admirar, mas o remate ainda foi melhor. Um certo assobio de dois tempos chamou a attenção dos cães, que do valle olharam para o pastor, e fitaram as orelhas. Outro assobio, n'outro tom mais imperativo, foi para os cães uma voz de commando, que fez correr cada um para seu lado, a revistarem os diversos pelotões, e verificarem não houvesse n'elles algum intruso. A excepção de duas ou tres alfeiras, que entre os bodes se tinham escondido, e foram d'alli postas fóra, ladradas e mordidas, correndo a bom correr para a sua posição da esquerda, tudo o mais estava em ordem, até mesmo o corpo dos cabritos, nenhum dos quaes, com medo, ficára entre as mães, que permaneciam indifferentes aos seus berros.

Aqui acaba o que achámos de mais dramatico e digno de memoria n'aquella revista caprina. Quantos seres humanos não são menos doceis e intelligentes do que aquellas cabras, que manobram com tanto acerto e firmeza ao silvo e á voz do seu pastor!

O resto da scena não teve para nós a mesma novidade e interesse. Contaram e marcaram o gado; dizimaram, d'entre os bodes, os capados; separaram as cabeças para o talho; ajustaram as contas das pelles; e findas que foram estas operações, todo o gado dispersou de novo, e nós caminhámos para o pittoresco valle das Sete-cidades, onde, antes de jantar, fizemos n'um barco deliciosa excursão na lagoa Grande.

UMA DESCRIPÇÃO DE LISBOA.

O poeta francez, mr. Jules Zanole, que nossos leitores já conhecem como muito amigo e admirador das cousas portuguezas, pela sua mimosa poesia, publicada a pag. 198 d'este semanario, brindou-nos com uma formosa descripção de Lisboa n'um fragmento poetico, que não podêmos resistir ao desejo de publicar, vulgarisando-o, como elle merece, por nossa gloria, sem que para isso lhe obste ser escripto em lingua estrangeira sim, mas já tão universal, e sobre tudo tão familiar entre nós. O leitor ha de agradecer-nos o prazer que lhe proporcionâmos de ver commemoradas scenas e cousas lisbonenses n'um canto harmonioso da lingua de Hugo e Lamartine, canto que

enthesoura as sensações experimentadas pelo poeta viajante ao avistar a rocha de Cintra, ao entrar no Tejo, ao passar pela torre de S. Julião, ao saudar Queluz, residencia da imperatriz, mais a torre e egreja de Belem, mais o palacio da Ajuda, mais o paço das Necessidades, a Estrella, as ruinas de S. Francisco e do Carmo; sem lhe esquecerem o Terreiro do Paço, nem o Rocio, nem o Passeio publico, nem a Sé, nem o Castello, nem a Graça, nem a Senhora do Monte, nem as glorias das letras, das descobertas e conquistas de Portugal, nem o aqueducto das Aguas-livres, nem os campos dos arredores, nem a residencia e parque do duque de Palmella no Lumiar, nem a quinta das Laranjeiras do conde do Farrobo; concluindo por uma addição de dezembro 1857, sobre o flagello da febre amarella que assolava Lisboa.

LISBONNE

(Souvenirs d'un voyage à bord de la corvette *La Bayonnaise* 2.me relâche — Mai 1847)

I

L'horizon s'éclaircit. Le ciel limpide et pur
A repris son éclat et sa teinte d'azur.
Le beau soleil de mai du printems qui s'avance
Annonce le retour. Sous sa chaude influence
La nature s'éveille; et d'un climat plus doux
L'air tiède et caressant arrive jusqu'à nous.

II

A gauche on aperçoit, comme un nuage sombre
Projétant sur la mer l'épaisseur de son ombre,
Un point vague, incertain, qu'on a peine à saisir.
Mais insensiblement l'ombre parait grandir.
Elle monte; s'élève. A l'œil qui l'examine
Sa forme prend un corps, et déjà se dessine.
On distingue bientôt, dans un riant lointain,
A la vive clarté des rayons du matin,
Quand le soleil se montre et dore la campagne,
Sur un sol verdoyant une haute montagne.
C'est Cintra dont la cime apparait à nos yeux;
Cintra, pays charmant, séjour délicieux,
Qui renferme, à la fois, de l'eau, de la verdure,
Un site pittoresque, une riche nature.

III

Prés de là le palais, où, durant les beaux jours,
Loin du bruit de la ville, et du fracas des cours,
Tout entiére au plaisir de vivre avec sa fille,
Et plaçant le bonheur au sein de la famille,
Réside une princesse, au pur et noble cœur,
Belle et riche en vertus, veuve d'un empereur,
Fille de Beauharnais, ce héros dont la gloire,
Inscrite en lettres d'or aux pages de l'histoire,
Atteste la valeur, et rappelle à la fois
Une époque féconde en immortels exploits.

IV

Plus loin, nous découvrons, assis sur le rivage,
Le fort Saint-Julien qui domine le Tage;
Superbe, et s'avançant jusqu'au milieu des eaux,
La vieille et large tour, aux gothiques créneaux,
Aux clochetons aigus, à la forme carrée,
Qui protege la rade et défend son entrée;
L'eglise de Belem, monument curieux,
D'un règne fortuné souvenir glorieux,
Modèle d'élégance et de riche sculpture,
Et dont le stile à part, à son architecture
Imprimant un cachet étrange, et sans égal,
Rappelle les beaux tems, l'éclat du Portugal;
Puis, au sommet du mont, pleurant sa décadence,
Le palais d'Ajuda, royale résidence,
Bâtiment gigantesque, empreint de majesté,
Respirant la grandeur malgré sa nudité,
Dont l'œil du visiteur, égaré dans ses salles,
Peut à peine embrasser les formes colossales.

V

La rade où nous entrons balance sur ses eaux
Des barques de pêcheurs et de hardis vaisseaux.
D'un côté, des rochers, d'un accès difficile,
Et de l'autre, les monts qui couronnent la ville,
De leurs flancs protecteurs entourant le bassin,
Abritent ces vaisseaux qui mouillent dans son sein,
Les défendent des vents, et contre les tempêtes
Sur les flots irrités les couvrent de leurs têtes.

VI

Cet amas de maisons, cette vaste cité
Qui s'étale à nos yeux dans son immensité,
Dont l'aspect imposant nous plait et nous étonne,
Ces clochers, ces palais, ces jardins, c'est Lisbonne.

La voilà cette ville, où se sont autre fois,
Durant ses jours de lutte, accompli tant d'exploits;
D'où partaient ces vaisseaux qui s'élançaient sur l'onde
Pour chercher au hasard, et conquérir un monde;
Ces vaisseaux que montaient de fiers aventuriers,
Hardis navigateurs, et courageux guerriers,
Serviteurs dévoués qu'aucun péril n'arrête,
Toujours prêts à braver la foudre ou la tempête
Pour porter leur drapeau dans de lointains climats
Et gagner à leurs rois quelques nouveaux états.

Sur un sol montueux, de colline en colline,
On la voit qui tantôt et s'élève et s'incline;
Ses nombreux bâtiments sur la rive amassés,
Qui, de loin, sembleraient l'un sur l'autre entassés,
Forment amphithéâtre; et, malgré l'étendue,
Comme un panorama s'offrant à notre vue,
Se groupent sous nos yeux dans un même tableau,
Qu'anime et réfléchit le frais miroir de l'eau.

VII

Ici, c'est le palais habité par la reine.
Assis sur la hauteur, il domine la plaine,
Et permet d'embrasser, de son royal balcon,
Le Tage et les rochers qui bordent l'horizon.
Plus loin, c'est Estrella, la coupole arrondie,
Ses élégantes tours, et sa forme hardie.
Voilà les vastes murs d'un temple inachevé,
Par deux moines quêteurs autrefois élevé,
Produit de riches dons, d'offrandes précieuses
Que dans leur trône béni versaient des mains pieuses.
Puis, quelques vieux arceaux dans les airs suspendus,
Tristes et noirs débris d'un temple qui n'est plus;
Déplorables témoins d'un désastre célèbre,
Dont l'histoire a gardé le souvenir funèbre.

VIII

C'était un jour de fête, au culte consacré;
De riches ornements le temple était paré;
Les fidéles en foule encombraient l'édifice,
Et le prêtre, à l'autel, offrait le sacrifice.
L'orgue mêlait sa voix aux chants sacrés; soudain
Gronde, en roulant dans l'air, un murmure lointain,
Un bruit sourd, qui ressemble à celui du tonnèrre.
Sous ses pieds chancelants on sent frémir la terre;
Les murs sont ébranlés; on voit l'autel fléchir,
Les cierges se briser, et le sol s'entrouvrir.
On veut fuir... vain espoir!... Tout tremble; et sur la foule
La voûte, avec fracas, en un instant s'écroule.

Ces arceaux, ces débris tombant de vétusté,
Voilà tout ce qui reste. Et, le cœur attristé,
A l'aspect de ces lieux de deuil et de suffrance
Le voyageur s'arrête, et médite en silence.

IX

Ce terrain vaste, inculte, ouvert aux promeneurs,
Où la cour autrefois étalait ses splendeurs,
Appelé de nos jours la Place du Commerce,
Que la foule, à toute heure, et parcourt et traverse,
C'est là qu'on vient, le soir, fatigué de chaleur,

A la brise de mer demander sa fraicheur;
Là qu'on vient, se livrant aux débats politiques,
Discourir, le matin, sur les choses publiques.
Plus loin le Rocio, témoin de tant de pleurs,
De tourments, de souffrance, et de sombres douleurs,
Où l'Inquisition dans de profonds abymes
Jetait et torturait ses senglantes victimes.
Puis le Jardin publique, parfumé des senteurs
Que font monter dans l'air ses corbeilles de fleurs,
Et ses lauriers touffus, à l'éternel feuillage,
Qui donnent aux étés la fraicheur et l'ombrage.

X

Pénétrons plus avant au cœur de la cité.
Dans un quartier étroit, sombre et peu fréquenté,
Nous verrons devant nous la vieille Basilique,
Ses deux massives tours, et son portail gothique;
Et, plus loin, au sommet d'un verdoyant coteau,
Les murs fortifiés de l'antique château,
Vaste construccion, dont la hauteur immense,
En dominant la ville, assure sa défense.

Vers le point culminant d'un coteau moins voisin,
Qui plane sur la ville, en regard du jardin,
S'étageant, par dégrés, de terrasse en terrasse,
Nous pouvons saluer l'église de la Grace,
Monument d'un autre âge. On y voit tous les ans
Venir, à flots pressés, de nombreux pénitents,
Au son des instruments, dont les accords magiques
Font retentir l'écho de leurs pieux canfiques,
Précédés d'un cortége, avec pompe paré,
Et sous un dais, de fleurs richement décoré,
Où du divin Sauveur la gigantesque image
Rayonne, accomplissant leur saint pélerinage

Puis, sur un autre mont, dont le plateau désert,
De grands chênes touffus et d'oliviers couvert,
Se dérobe aux regards sous leur épais ombrage,
S'éléve une chapelle, un modeste ermitage,
Asyle où la douleur, en secret, tous les jours
De la Reine du Ciel invoque le secours.

Puis bientôt, en marchant à travers la campagne,
On gravit, sans efforts, une haute montagne,
Aux flancs accidentés, au large escarpement,
Là se dresse une eglise, antique monument,
Qui, sur son front royal, porte sa galerie,
Ainsi qu'un diadême. A vos pieds la prairie
Déroule, en ondulant, son tapis velouté.
A gauche, les maisons se groupent en cité.
A droite, en perspective, on distingue le Tage,
Dont les eaux, à regret, quittent ce doux rivage;
Devant soi, des coteaux, Sétubal, Palmella,
Et les pics ombragés des rochers de Cintra.
(La fin au numéro prochain).

JULES ZANOLE.



A grande muralha na China

A idéa de levantar muralhas para obstar a invasão d'inimigos, não é peculiar á China. Nos tempos antigos ha exemplos de trabalhos similhantes, feitos pelos egypcios, syrios e medos: na Europa mesmo se executaram no reinado do imperador romano Septimo-Severo, que fez construir uma muralha no norte da Gran-Bretanha. Nenhuma nação, porém, fez obra tão memoravel n'este genero como os chins.

A grande muralha foi erigida pelo imperador Tsin-Chi-Hoang-Té, em 214 da era christã. É chamada *Wan-li-tchang-tching*, isto é, o «grande muro de dez mil *lis*.» O *li* é medida chineza que corresponde proximamente á decima parte d'uma legoa. Segundo aquella denominação, teria a muralha quasi mil legoas de extensão; mas suppõe-se não exceder a seiscentas legoas europeas. Prodigiosa quantidade de operarios foi necessario empregar para concluir em dez annos esta gigantesca construcção.

A grande muralha estende-se desde a parte mais occidental da provincia do Kan-Su, até ao mar Amarello. A importancia d'este immenso trabalho tem sido differentemente avaliada por diversos auctores que tem escripto ácêrca da China. Uns exaltam-no desmedidamente, e outros ridicularisam-no. Esta divergencia de opiniões provém de que cada auctor julgou da obra inteira pela pequena parte que viu.

Barrow, que foi á China em 1793 na embaixada de lord Macartney, na qualidade de historigrapho, fez o seguinte calculo.

Suppoz que havia na Inglaterra e na Escocia um milhão e oitocentas mil casas: avaliou a alvenaria de cada uma em dois mil pés cubicos, e concluiu que todas ellas continham menos materiaes que a muralha chineza, a qual, segundo julgava, os daria sufficientes para construir um muro que completasse duas vezes a volta inteira do globo terrestre.

É claro que Barrow tomou por base do calculo a grande muralha tal como a viu ao norte de Pekim, que é como representa a nossa estampa. Na verdade se póde dizer bella e magestosa, mas não se creia que esta famosa barreira destinada para impedir as invasões dos tartaros, tenha por toda a parte as mesmas dimensões e solidez.

O celebre viajante Huc, que de 1844 a 46 percorreu parte dos paizes que a muralha atravessa, diz o seguinte:

«Tivemos occasião de transpor a muralha em mais de quinze pontos, e por vezes viajámos durante dias inteiros, seguindo-lhe a direcção e vendo-a sempre. Em muitas partes, em logar da dupla muralha com torres que se vê nas proximidades de Pekim, só achámos simples muros de alvenaria, e até alguns de terra: vimos mesmo esta famigerada muralha reduzida á mais simples expressão, isto é, composta de alguns seixos amontoados. Quanto aos alicerces de que falla Barrow, que consistiriam em grandes pedras de cantaria ligadas com argamassa, devemos confessar que em parte alguma lhe descobrimos os vestigios.»

É bem de crer que Tsin-Ché-Hoang-Té mais particularmente quizesse fortificar os logares proximos da capital do imperio, sobre a qual se dirigiam de preferencia as hordas dos tartaros. Póde-se tambem admittir, sem injustiça para o caracter dos chins, que os mandarins encarregados d'aquelles vastos trabalhos fizessem executar conscienciosamente os que se effectuavam, por assim dizer, á vista do imperador; e que só mandassem levantar simulacros de muralha nos pontos mais afastados e menos expostos, comendo o dinheiro que poupassem, e enganando o imperador.

Seja como for, o certo é que tão estupenda obra não salvou a China de ser por duas vezes conquistada pelos tartaros. Em 1279 os mongoles apossaram-se do imperio, capitaneados por um dos successores do famoso guerreiro Gengis-kan, e estabeleceram nova dynastia começada em Kublai-kan. Durou esta apenas noventa annos, sendo expulsa por uma insurreição e carnificina geral em todos os tartaros mongoles. Foi substituida no throno pela dynastia chineza dos Ming, que a seu turno foi supplantada em 1652 por outra invasão de tartaros mantchus, que ainda hoje dominam no China.

Os tartaros são uma raça composta de muitas tribus ou nações, quasi todas nomadas, pastoras e guerreiras. Percorrem e senhoream os vastissimos paizes da Asia central, e já dominaram quasi toda esta parte do mundo, e mesmo boa porção da Europa, nos tempos de Gengis-kan e dos seus successores. Na estampa respectiva damos o desenho d'um guerreiro tartaro.

C.



Guerreiro tartaro

OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE

V

O segundo anno ia pelo mesmo caminho do primeiro. De repente nada de noticias de Felix!... Que significava isto?... Como explical-o?... Passado tempo vieram mysteriosos informadores dissipar aquella incerteza. Felix, dizem elles, e pareciam proval-o com factos verosimeis, casára no Porto! Avalie cada um por si o que a incerteza e o desengano fariam padecer a Theresa. Custava-lhe perceber tudo aquillo; mas não podia duvidar da plausibilidade da suspeita de que Felix a esquecêra.

Por este tempo appareceu, como de improviso, um pretendente á sua mão, apresentado, recommendado, patrocinado pelos parentes d'ella, que, por causa de uns horisontes de legados consideraveis, tinham grande ascendente no seu espirito.

A desesperação e a dor não lhe davam entretanto logar a ouvir propostas. Menosprezava a vida, porque tinha o coração dilacerado. O sopro da desgraça varrêra todos aquelles sonhos dourados, toda a sua visão de felicidade sem par.

Rejeitou corajosamente a alliança que lhe offereciam.

O homem que lhe punham defronte, mais velho do que ella quinze annos, se não era physicamente desprezavel, e era, como se diz na linguagem dos preconceitos da velha sociedade, bem nascido; não tinha dotes espirituaes, que equilibrassem ou estivessem á altura das exigencias da alma d'aquella mulher, o que era mais um motivo para impossibilitar qualquer transacção.

Theresa obstinava-se na dor e na recusa: ás vezes parecia entrever a luz de uma vaga esperança, e redobrava a coragem. Mas o seu pretendente, que descobria n'aquelle casamento grandes interesses, que

calculava as vantagens, que contava as protecções, continuava assiduamente a representar o seu impertinentissimo papel. Os proprios parentes de Theresa o favoreciam clara e occultamente. Varias informações, e algumas cartas mesmo, de ultimos desenganos, lá das partes do Douro e do Mondego, como que caíam do ceo aos pés da infeliz. O tempo a foi de mais em mais impacientando, até que se apagou de todo, e desluziu n'alma aquella indefinivel confiança com que ás vezes retemperava o animo prestes a desfallecer de todo.

Como se não bastasse ver Felix perdido para a sua ternura, veiu a morte dar-lhe o ultimo golpe, e castigar o ingrato. Alguns echos repetiram a seus ouvidos, que Felix acabava de morrer victima de uma molestia de peito, rapidissima na marcha e nos estragos. Quantas pessoas pôde interrogar a este respeito todas lhe disseram o mesmo. Algumas negavam o casamento, mas eram concordes na noticia da morte. Theresa rondou assiduamente o torreão d'onde descobria a torre do seu amante, até que chegou a ver que a mãe e irmã de Felix traziam rigoroso lucto. Já não era licito duvidar de tamanho infortunio! Tambem um crepe negro lhe cabriu o coração! Chorou-o uma, mil vezes, e perdoou-lhe.

—Quem sabe (dizia ella) se Felix morrêra fiel ao meu amor? Quem sabe a causa d'este fatal anno de communicações interrompidas? Talvez tudo pudesse explicar-se, e rehabilital-o no meu coração.

Mas o amante estava morto. A rehabilitação era o perdão. O perdão era meio esquecimento.

Cercada, apertada, combatida por todos os lados, Theresa sentiu faltarem-lhe forças para resistir. Os parentes conheceram que chegára o momento do triumpho. Depois do quebrantamento d'aquelle espirito, não restava á infeliz ousadia para salvar o corpo. Abandonou-o. Os abutres desceram sobre elle, sem que os commovesse o sacrificio da victima. O soffrimento immobilisára os labios, parára o sorriso, e seccára as lagrimas. Ornaram-na de galas e de flores, coroaram-na de rosas, de que a fronte excandescente não sentia senão os espinhos, conduziram-na desapiedadamente ao altar, tomaram-lhe a mão gelada como o peito, repetiram de bocca em bocca um sim que ella não proferíra, e fizeram-na para sempre escrava de uma sociedade, mais inexoravel do que justa, coherente, ou imparcial; prenderam-na n'um laço que podia quebrar-se, mas que nenhuma força podia jámais desatar!

VI

Correu o tempo, um anno, dois annos, depois do casamento de Theresa com Armando. A alma d'este, materialisada pela ambição satisfeita, se não podia ser feliz com uma mulher que o olhava indifferente, não parecia ligar grande importancia a isso. Theresa resignára-se ao infortunio, e esposára a tristeza.

A pouco mais de uma legoa distante da cidade, em sitio elevado e aprazivel, vivia quasi todo o anno um tio de Theresa, banqueiro retirado do mundo e dos negocios, e protector de Armando. A sobrinha era a herdeira presumptiva da sua riqueza, muito mais que millionaria—era o seu enlêvo, a sua mais pronunciada sympathia. O banqueiro, valetudinario, casado, mas sem descendencia, tinha concentrado toda a vida, toda a distracção no interior d'aquella notavel vivenda, digna d'um rei. Theresa passava alli muitos dias. Se o estado da sua alma consentisse prazer, aquelle logar campestre tinha tudo quanto podia geral-o. O palacio sobre a estrada real era vasta e elegante fabrica, dominando grande parte do horisonte, com vista deliciosa para o mar e para os campos. O conforto e o luxo estavam em tudo e por todo elle. O numero, vastidão e ornato das salas eram admiraveis. Só fazia pena jazerem em demasiado silencio! A bibliotheca era vasta galeria de cristal, e assim a galeria de quadros preciosos, ambas communicando com o jardim por meio de elegantes escadas exteriores, de ferro, em espiral. O jardim, vasto, povoado de estatuas colossaes, enriquecido com plantas tropicaes, abundava em jogos d'aguas. Estava-lhe inferior um pequeno valle para o poente, occupado por um lago ao natural, recortado de ilhas, assombrado de pontes, matizado de cisnes e de esquadras em miniatura saídas d'arsenal proximo, e de soberbos escaleres de recreio. Mais ao longe, em logar eminente, precedido e guardado por um labyrintho de verdura, divisava-se o templo d'Apollo, onde o deus da musica parecia concertar as harmonias da lyra com as das eolicas harpas que o cercavam. Depois seguiam-se para todos os lados quintas sem fim, plantadas de laranjeiras e limoeiros, cujos perfumes, quando a primavera os toucava de flores, embalsamavam o ar e embriagavam voluptuosamente os sentidos. Ainda hoje me lembram com saudade as sensações que algumas vezes experimentei respirando aquella atmosphera inebriante, contemplando mudo e só, perdido nas sendas bordadas de myrto e rosmaninho, todos aquelles quadros de uma natureza rica e magestosa, de uma arte que tanto ousára, protegida por mão tão liberal e tão poderosa!

Tudo aquillo parecia feito para inspirar felicidade e amor. Mas Theresa passava por tudo indifferente, porque não tinha alma, e o espirito que ainda lhe animava o corpo era outro e bem diverso do que outr'ora se inspirára e concebêra tantas esperanças n'aquelles mesmos logares.

VII

N'uma tarde de verão, em que de cima do terraço que deitava para a estrada Theresa, mais melancolica que o melancolico pôr do sol, assistia ás ultimas despedidas que o astro do dia fazia ao nosso hemispherio, um compassado rodar de carruagem lhe attrahiu a attenção, e levou á varanda que debruçava sobre a estrada. Que viu? Mal podia crel-o! Desvairava? Sentia a razão perdida! Esfregava os olhos como para desterrar uma visão ao mesmo tempo querida e terrivel! Via fugir-lhe a luz! O coração comprimido por mão de ferro parecia annunciar-lhe a extincção da vida. Em poucos momentos baqueou desfallecida sobre as lages.

A pallidez da morte cobria aquelle rosto, que já fôra tão fagueiro e tão poderosamente insinuante. A fresca viração da tarde desalinhava aquelles cabellos de ebano, de tão formosas ondulações. Se a eternidade não fosse apanagio dos coros celestes, dir-se-hia que era um anjo feito cadaver!

Passado o primeiro insulto da surpreza, a infeliz sentiu recobrar pouco a pouco as faculdades. Estava sem forças: empregando esfôrço extraordinario, amparando-se á balaustrada de ferro, pôde levantar-se. Os labios gelados pareciam proferir um nome que se não ouviu; a vista desvairada procurava no horisonte o que n'elle se tinha perdido; mas a estrada estava deserta, toda a natureza de em tôrno estava muda. Não tinha força para articular nem nome nem gemido: o echo da quebrada permanecia calado: tudo continuava solitario e indifferente áquella dor!

As sombras da noite, que das montanhas desciam sobre os valles, chamaram Theresa á amarga realidade da existencia. Não buscou compor a physionomia, nem dissimular o estado d'alma: com passo incerto desceu á sumptuosa habitação do tio millionario. Os poucos que a viram n'aquelle estado, os que se julgavam com direito a interrogal-a, e mais do

que isso com obrigação de ouvil-a, ouviram-lhe effectivamente inauditas palavras, que a dor tornava eloquentes, e a desesperação tremendas. A victima tornára-se juiz, e os algozes calavam. A sala sem repercussão não trahiu o que n'ella se disse; mas os espelhos reflectiram alguns rostos demudados pela vergonha e pelos remorsos.

VIII

Que dera causa a tão estranho successo e scenas tão descompostas? Que viu Theresa n'aquella inesperada carruagem, que atravessára vagarosa como coche funerario pela frente do jardim e do palacio?

Um phantasma!

Um resuscitado, que mais de um testimunho dera como inscripto nos annaes da morte!

Felix!

IX

Como explicar esta tragica peripecia? Felix vivia ainda, não casára nunca, e conservava pura e ardente a chamma do primeiro amor.

As accusações que Theresa fizera á sua memoria, á sua supposta ingratidão ou indifferença, com não menor fundamento lh'as fizera e fazia elle tambem.

Só uma hedionda traição interceptára e cortára a communicação dos dois amantes.

Doença perigosa, que deixára sêllo fatal sobre a fronte do mancebo, tinha-o, sim, conduzido ás bordas da sepultura; mas ainda o poupára d'essa vez. Tudo o mais fôra ardil de uma infame ambição, conspirada para desunir duas almas apaixonadas e promettidas, extinguir no coração de Theresa, ou dar nova direcção aos sentimentos da sua infancia, e immolal-a á mais sordida das cubiças.

N'estas poucas palavras está toda a historia de como Theresa foi separada de Felix, e vinculada para sempre ao infortunio.

X

Desde aquella epocha a tristeza de Theresa convertêra-se em delirio e desesperação. Desprezando todas as relações e conveniencias sociaes, a que podia ser anjo triumphante, e a liberdade dos homens fazia anjo despenhado, concebeu um diabolico plano de vingança.

Os dois amantes tornaram a ver-se. Procuravam-se, encontravam-se, chegaram a fallar-se. Tudo se explicou: justificaram-se mutuamente: perdoaram-se, choraram ambos a sorte commum. Com effeito tinha sido bem infernal a intriga que os separára! Que fazer já agora? Como desatar aquelles vinculos? A desesperação e o delirio podiam aconselhar quebral-os; mas a saude de Felix era precaria, a sua existencia estava compromettida. As affecções moraes tinham-lhe aggravado os physicos padecimentos, e o infeliz, que se via definhar todos os dias, resistia ás tentações do escandalo.

Conheci os logares onde se passaram muitas d'essas scenas intimas, muitos d'esses combates, em que o dever procura triumphar da paixão.

Á casa de habitação de Armando seguia-se um vasto jardim e uma alameda frondosa. Foi no mais recondito d'ella que, na escuridão da noite, ou quando as sombras eram apenas cortadas pelos raios melancolicos da lua penetrando pelas franças alterosas do arvoredo, que os dois amantes soltaram muitos gemidos pungentes, muita imprecação dolorosa, uma e mil vezes repetida, um dia e outro dia por alguns tempos renovada!

XI

Era uma noite de verão. O sol nascêra claro n'esse dia, mas bem depressa envermelhecêra e desfigurára. Á roda tinham sobresaído muitas coroas ou circulos esbranquiçados. Pequenas nuvens brancas tinham passado immediatamente sobre elle, assumindo uma côr amarellada. Entretanto o calor solar não diminuira, e a evaporação fôra visivel. Com o occaso do sol tinha mudado a temperatura, e começado a chuva. A lua cheia, que parára no mais alto dos ceos, estava com o brilho offuscado por um como nevoeiro. Nada fazia esperar interrupção ao mau tempo.

As ruas, quasi deshabitadas, que confinavam com a alameda, estavam desertas. Um vulto, caminhando com precaução, envolto em larga capa, sem temor nem outro resguarde para a chuva, rondava cêrca do muro que tapava o ultimo extremo da alameda. O menor sussurro do vento, a menor alteração no compasso pluvial, o fazia parar e escutar. Ás vezes, depois de ter reconhecido que dos extremos da rua ninguem o observava, cosia-se com uma pequena porta que havia a meio do muro, e espreitando pelo orificio da fechadura, ou applicando o ouvido, e comprimindo a respiração, parecia esperar d'elli alguma cousa que lhe diminuisse os cuidados. Esperou, e rondou por muito tempo. A final pareceu-lhe sentir que de dentro vinham passos encaminhados á porta. O coração bateu-lhe mais apressado; a mão trémula respondeu com leve bateria mysteriosa á bateria que de dentro partiu. A chave rodou na fechadura, e a porta entreabriu-se. O embuçado entrou, a porta fechou-se, e a rua ficou mais deserta do que nunca.

Entrado na alameda o vulto desembuçou-se e apertou nos braços um elegante corpo de mulher surgindo de dentro de larga mantilha, que lhe descia da cabeça até meia altura do vestido.

A emoção, que era grande, foi a principio sem voz. Depois trocaram algumas palavras de ternura e contentamento. Abrigados pelo limiar, permaneceram no vão interior da porta que se abrira. Só assim podiam escapar ao mais forte da chuva, que continuava copiosa, e que, escorrendo pela folhagem dos platanos, caindo de folha em folha como pequenas catadupas, encharcava todo o solo.

— Como este tempo nos contraría! (balbuciou ella com o peito arfando e a cabeça reclinada sobre o hombro d'aquelle homem.)

— E o teu sublime sacrificio, meu anjo, por uma noite d'estas, arrostando perigos e incommodos! (respondeu elle imprimindo na testa da mulher um beijo que escaldava).

— E que valem estes incommodos, quando se vem estar ao pé de ti, e se ouve essa voz, que com tanta harmonia toca no coração! Que valem esses perigos, quando sem ti a existencia é a morte, e a morte se vê perto, com a rejeição que tu fazes do meu projecto querido!

— A morte, Theresa, tenho-a eu já, adejando sobre mim! Como condescenderia comtigo para te deixar tão breve na vergonha e no desamparo!

— Na vergonha!... devendo reviver para ti, fizeram os barbaros que morresse para ella! O desamparo não o temo. Disputaria á morte a tua vida. Resgataria os teus dias com parte dos meus dias. A tua existencia prolongal-a-hia á força de caricias e amor. A fortuna material ampara-nos. Ha muito mundo que nos receberia compassivo, e daria asylo á nossa paixão infeliz. Porque recusas? Abriram ante mim este abysmo, e vejo-me arrastada a elle por uma força poderosa e irresistivel. Esqueço tudo, mas não posso esquecer-te, nem sacrificar-te aos meus algozes. E ainda resistirás á dedicação e ás lagrimas de uma mulher por quem te mostraste sempre apaixonado?

— Não resisto senão porque tu me és cada dia mais cara. Deploro as circunstancias que nos tem arrastado até aqui, e que fazem delirar o teu amor. Mas este braço enfraquecido, embora lh'o ordene o coração, debalde tentára servir-te de escudo. Deixa

que o tempo decida da minha vida; deixa que se aclare mais a sentença d'ella. Como te hei amado sabel-o tu, e comprehende-o o teu coração de mulher apaixonada. Como te amo ainda diz-t'o a bateria do meu peito, e a febre dos meus labios. Se na eternidade se póde amar, amar-te-hei sempre com o mesmo ardor. Mas para continuar a amar-te no mundo é preciso vida, e é essa que sinto que me fallece!

— Não, não, meu querido! Essas terriveis apprehensões hei de dissipal-as. Viverás, porque a tua vida é o unico cauterio ao nosso infortunio!

— Viveria, se o amor, que tem tanto poder para dar a vida, podesse do mesmo modo esconjurar a morte. Viveria, então, para o teu amor e pelo teu amor! Mas, paixão não basta para contradizer decretos de mais alto. Resignemo-nos ao seu imperio!...

Theresa soluçava como uma criança; Felix tremia como um enfermo.

Ambos penavam. Se n'uma alma não era ainda de todo extincto o fogo da esperança; na outra lavrava já o rigor do desengano. Seus braços apertaram-se mais: a vida, que n'um d'aquelles corpos amortecia, parecia querer salval-o com o amparo do outro, fundindo-os n'um só. Calaram-se para descançar d'aquelle combate inglorio. Procuraram desterrar de si os mais afflictivos pensamentos: serenaram um pouco.

Passada a tormenta das primeiras lagrimas, que os affagos estancaram, vieram palavras de ternura derramar balsamo em tantas feridas.

O tempo corrêra desapercebido no meio das dores e dos transportes. A noite ia adiantada.

A separação, que era inevitavel, foi pungente, quando aquelles labios sofregos se uniram, para coroarem o colloquio apaixonado, e dizerem o ultimo adeus!

XII

Se passâmos um véo sobre outras scenas de dor ou de transporte, tambem furtâmos á publica memoria algumas de domestica perturbação. Armando vergava ao peso do remorso. A propria consciencia o accusava: os seus direitos eram sem força: a sua auctoridade moral perdêra-se para sempre. Tragava o ultrage, porque tinha a avareza satisfeita. Na sua physionomia havia uma sombra de anathema. Em poucos mezes encaneceu como n'um seculo. E a amargura de Theresa recrescia, e o padecimento de Felix aggravava-se!

Quasi de repente o abandonaram as forças, e jazeu no leito.

Alguns dias depois era cadaver!...

Este termo, que não era inesperado, foi comtudo repentino. Alguem quiz dizer a meia voz, que uma violencia occulta, uma cilada e abuso de força mercenaria, o tinham accelerado. Se foi assim ou não, permanece segredo, que o moribundo não trahiu.

Ainda assim o mancebo infeliz teve quem o chorasse com lagrimas sinceras. Choraram-no os parentes, choraram-no os amigos, chorou-o sobre tudo a que tanto o amára na vida, e a quem a desesperação dava coragem para não occultar a dor. Os que o conheciam compadeceram-se tambem do seu infausto destino. Os que não podiam deixar de ver n'elle uma exprobração pungente, que desejariam extinguir para descanço da propria vergonha, esses mesmos não conseguiriam esquecel-o; porque, se debaixo da campa se tinha sumido o cadaver, por toda a parte, de todos os cantos, de todas as nuvens, de todas as sombras, lhes surgia phantasma temeroso.

XIII

Alguns mezes depois via-se, em certos dias da semana, dirigir-se pelo estreito e solitario caminho, que conduz ao cemiterio publico, uma carruagem fechada, rodando compassadamente. Era d'ella que saía uma dama, toda vestida de preto, com o rosto encoberto por véo quasi sem transparencia, figura elegante, que parecia estar no vigor da mocidade. Ajoelhada á porta de uma pequena capella gothica, monumento funerario perdido entre a multidão dos tumulos que compunham a marmorea cidade dos mortos, as poucas vistas que acertavam com elle n'aquelles momentos de amargo recolhimento, tinham compaixão da sua dor, e respeitavam as suas preces.

Essa capellinha cobria as cinzas de Felix.

Quem era a que tão constante e piedosamente rociava a miudo o gêlo do marmore com lagrimas ferventes, e renovava nos braços da cruz as coroas de perpetuas?

Adivinhem-no.

Calemos o nome que a penna ia escrever!

XIV

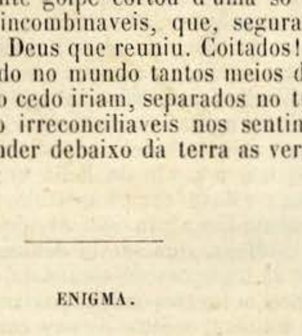
Até aqui tinham chegado as cousas, quando, como já disse, em 1849 voltei á patria, onde encontrei Theresa tão demudada, e me fizeram as ultimas revelações. Affligiu-me devéras o destino infeliz dos meus dois companheiros da infancia, e ainda hoje não é sem emoção que pranteio o seu destino, com tanta maior pena, quanto a frenetica amargura da que por mais algum tempo sobreviveu, lhe perverteu depois o espirito, e conduziu a maiores vinganças. Grande força e grande favor da Providencia são precisos para não transpôr a fraca barreira que extrema a virtude do vicio! Quantas vezes o impulso alheio, mais que o instincto proprio, conduz ao ultimo!

Sem estimulos para a virtude, a sociedade corrompida, que nada faz por melhorar as suas condições moraes, está sempre prompta e disposta a fulminar com hypocrito estigma as aberrações que são feitura d'ella. Será isto justo? Não será Theresa mais digna de dó e de indulgencia, que de condemnação e de desprêzo?

Já agora que os nossos tres personagens passaram a outro tribunal, ser-lhes-ha indifferente o juizo do mundo. Um recente golpe cortou d'uma só vez as duas existencias incombinaveis, que, seguramente, não foi a mão de Deus que reuniu. Coitados! Quem diria que, deixando no mundo tantos meios de gôzo e de prestigio, tão cedo iriam, separados no tumulo, como tinham sido irreconciliaveis nos sentimentos, descançar e esconder debaixo da terra as vergonhas e as dores!

ENIGMA.

1 9
1 9
1 9
1 9
1 9
1 9
1 9
1 9
1 9
1 9



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 F.